

Macau, Cidade Multicultural? Marcas de Multiculturalidade em *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes

FERNANDO MANUEL MARGARIDO JOÃO*

INTRODUÇÃO

A facilidade de deslocação, dentro e para fora de países e continentes, o progresso tecnológico e a banalização do acesso e uso, por parte do cidadão comum, dos meios de informação e de comunicação tornaram o nosso planeta naquilo a que, nos anos 60, do século passado, Marshall McLuhan, chamou *aldeia global*.

Os contactos, quer presenciais quer os que se estabelecem através dos média e das novas tecnologias de informação e comunicação, fazem com que as pessoas das mais diversas origens partilhem entre si ideias, conhecimentos e valores, gerando espaços de multiculturalidade cada vez mais abrangentes.

No presente trabalho, estruturado em duas partes, abordam-se, na primeira, ainda que de forma sucinta, algumas teorias sobre multiculturalismo tendo como base autores considerados de referência, nomeadamente, E. Taylor, C. Taylor, W. Kimlicka e outros que, com frequência, tomaram as suas ideias e teorias como base de trabalho.

Considerada, de forma unânime, como fonte inesgotável de marcas culturais de uma determinada

época ou de uma dada sociedade, a literatura e, mais concretamente, o romance transportam-nos, através dos seus personagens, para realidades individuais, sociais e culturais que, apesar de retratadas pela visão e palavras do autor, nos permitem conhecer a diversidade e a alteridade como genuínas marcas históricas e culturais.

Numa segunda parte, de carácter mais analítico e prático, aborda-se a escrita do macaense Henrique de Senna Fernandes, neste caso o seu último romance, publicado a título póstumo, *Os Dores*, numa perspectiva de encontro com a cidade de Macau das décadas de 40 e 50 do século xx.

Obra repleta de imagens de espaços, pessoas, costumes e relações, pretendemos através da sua análise, traçar, a partir das palavras do autor, um retrato de multiculturalidade que tem caracterizado Macau desde que passou a ser governada pelos portugueses, no século xvi, e transformada num espaço de encontro entre Oriente e Ocidente.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Vários são os autores que se debruçaram e continuam a reflectir sobre a temática do multiculturalismo e as diferentes concepções que o mesmo suscitou, não só pela polissemia do conceito, mas pelos variados entendimentos de que o mesmo é objecto, partindo do campo antropológico, em que o mesmo teve origem, ainda que por via do conceito de cultura, com E. Tylor, Franz Boas, Kroeber, Kessing, etc., passando pelo campo filosófico, onde primam C. Taylor e W. Kymlicka e outros, ou, ainda, pelo campo político, Hall e McLaren, através da definição, ou não,

* Licenciado em Administração Escolar e Educacional, é mestre em Gestão Curricular pela Universidade de Aveiro e doutorando em Língua e Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desempenhou funções lectivas e de administração escolar, em Portugal, até 2009, ano em que ingressou no Ensino Luso-Chinês de Macau.

Degree in School Administration and Educational Administration, Master in Curriculum Management from the University of Aveiro and Ph.D. student in Portuguese Language and Culture at the Faculty of Arts, University of Lisbon. Teacher and school administration member, in Portugal, until 2009, the year he joined the Macao Luso-Chinese Education.



LITERATURA

LITERATURE

de políticas tendentes a promover a coexistência entre diferentes culturas num determinado espaço geográfico.

Esta profusão de definições, entendimentos e práticas levou a que vários autores sejam consensuais em admitir que “não existe um único multiculturalismo e isso é considerado hoje, para uma boa parte dos estudiosos do assunto, a dificuldade mais específica no que diz respeito ao tema” (Pansini & Nenevé, 2008, p. 34).

De forma sucinta passamos a caracterizar as quatro correntes multiculturalistas propostas por Peter McLaren (1997), sabendo embora que outros autores, nomeadamente Hall (2006), definem, para além destas, mais três (*pluralista, corporativo e empresarial*). A nossa opção prendeu-se com questões de simplificação da temática e por pensarmos que são as mais expressivas, abrangentes e de referência mais frequente para a maioria dos autores por nós recenseados.

Multiculturalismo Conservador ou monoculturalismo – preconiza a supremacia do homem branco, possuidor de uma cultura superior, considerando os povos africanos e indígenas como espécies de classe inferior;

Multiculturalismo Crítico – defende a valorização das diferenças, questiona as relações sociais desiguais, apregoando que a resistência e as lutas sociais são o caminho para acabar com as desigualdades, a exclusão e o abismo entre ricos e pobres, fruto do sistema capitalista, para conseguir a transformação social.

Multiculturalismo humanista liberal – reconhece que, apesar de diferentes, os indivíduos partilham uma igualdade natural que é a condição humana. Aposta na consciencialização neutral e universal onde não cabem diferenças raciais, de classe ou de género. Segundo esta corrente, as desigualdades sociais ficam a dever-se essencialmente à desigualdade de oportunidades sociais e educativas, e só quando estas são ultrapassadas, é possível evitar o confronto com a cultura dominante e chegar a uma igualdade relativa.

Multiculturalismo Liberal de Esquerda (interculturalismo) – para esta corrente, as diferenças são importantes e devem ser levadas em consideração na medida em que apostar unicamente na igualdade é correr o risco de apagar as diferenças culturais essenciais para a perpetuação de atitudes, conhecimentos e valores; ou ainda as diferenças de classe social, género, sexualidade entre outras.

Como fica expresso em cada uma das correntes, não é possível abordar o conceito de multiculturalismo sem ter em conta a noção de cultura, já que o mesmo

assenta, exactamente, na diversidade de culturas existentes num determinado espaço geográfico.

O conceito de cultura continua, segundo Laraia, (2001), longe de ser consensual. Com origem na antropologia e, mais concretamente nos estudos de Tylor, Boas, Kroeber, Kessing, etc., o termo *culture* foi definido, pela primeira vez, por E. Tylor, em 1871, na primeira edição do seu livro *Primitive Culture*, como “*that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society*” (1920, p. 1).

Como o próprio autor refere, esta definição é tomada no âmbito dos estudos antropológicos, sendo uma síntese da palavra alemã *kultur* e da francesa *civilization* que representavam, respectivamente, os “aspectos espirituais de uma comunidade” e as “realizações materiais de um povo” abarcando, assim, num só termo, as realizações humanas (*ibidem*).

É ainda no âmbito da antropologia e da etnografia que o conceito sofre alguma contestação em termos de conteúdo, o que lhe veio conferir maior abrangência e uma grande importância na formação e socialização dos indivíduos, já que, rompendo com o determinismo biológico, passou a assumir-se que todo o conhecimento e evolução do ser humano se deve à aprendizagem dos padrões culturais da sociedade em que o indivíduo é criado.

De salientar, contudo, que os diferentes estudos culturais levados a cabo no domínio da antropologia e da etnologia derivaram em correntes diversas, enquanto Tylor dava maior ênfase à igualdade existente na humanidade, em detrimento da diversidade cultural, que considerava ser fruto de diversos estádios de desenvolvimento em que os povos se encontravam, Franz Boas punha a tónica na diferença cultural, factor que diferenciava os grupos humanos, considerando que a natureza humana era toda a mesma.

Caracterizadas, ainda que de forma muito sucinta, algumas correntes do multiculturalismo, bem como a origem do conceito, abordamos de seguida duas correntes que, em nosso entender, são representativas da falta de consenso que vários autores reconhecem no conceito e práticas de multiculturalismo.

Como já referimos, o termo engloba a coexistência de culturas, mas, quanto a nós, implica, também, o estabelecer de relações entre os indivíduos dessas culturas, e, por conseguinte, o “reconhecimento” (Taylor, 1994, pp. 25-26) mútuo, que poderá trazer ao

de cima situações de diálogo, dominação, superioridade, inferioridade, aculturação, assimilação, etc.

Para Charles Taylor, a noção de multiculturalismo envolve, acima de tudo, “autenticidade” que, para ele, significa o “reconhecimento de qualquer pessoa pela sua identidade individual e particular”; o “reconhecimento do que nos distingue, as particularidades de cada um” (p. 27), ou seja, a igualdade na diversidade. Este autor defende, ainda, que todo o indivíduo merece “igual dignidade” e, por isso, todos os cidadãos devem ser iguais, criando-se, assim, uma “cidadania universal”.

Este reconhecimento universalista da cidadania implica o reconhecimento das diferenças entre esses mesmos cidadãos. Poderá parecer um paradoxo, mas Taylor diz que este reconhecimento das diferenças é em função das “suas pertenças culturais”, e cada cultura é merecedora de igual respeito, que só será possível, ainda segundo o mesmo autor, com políticas de reconhecimento público das diferenças.

Outro autor que abordou a problemática do multiculturalismo foi Will Kymlicka, que, numa perspectiva mais liberal, defende que os cidadãos devem ser livres de “construir a sua concepção particular do bem”. Porém, cada indivíduo não vive sozinho, faz parte de uma comunidade, com a sua cultura, através da qual partilha práticas, costumes, significados e uma língua própria.

Numa qualquer sociedade, marcada pela diversidade cultural, geram-se sempre situações de disparidade, pois há sempre uma cultura maioritária, normalmente a cultura dominante do Estado. Esta posição maioritária está sempre favorecida relativamente às minorias que coexistem nesse estado, o que gera, automaticamente, desigualdade em termos de liberdades. Kymlicka defende, então, que devem ser definidas “políticas multiculturalistas” de forma a proteger as liberdades das culturas minoritárias, que devem passar por uma abertura da sociedade em geral ao reconhecimento dos contributos das comunidades minoritárias em prol da sociedade em geral (1995, p. 52).

O autor leva esta defesa dos direitos das minorias ao extremo de lhe poder possibilitar a autodeterminação, criando Estados multinacionais, contendo diversas comunidades sem uma ligação cultural propriamente dita entre elas.

Ora, em nosso entender, isto não é propriamente multiculturalismo, já que as culturas podem viver

lado a lado sem conviver, logo não passam de monoculturalismos, pluriculturalismos ou sociedades multiétnicas. É como eu viver lado a lado com um chinês e apenas nos encontrarmos no elevador e nem sempre nos cumprimentarmos, já que, nem que quiséssemos, não conseguiríamos conversar dado o desconhecimento mútuo das línguas de cada um de nós. Mas nem por isso deixamos de respeitar-nos. Só que não convivemos. Será isto multiculturalismo?

A LÍNGUA COMO COMPONENTE E “EXPRESSÃO” DO MULTICULTURALISMO

Amin Maalouf, no documento “Um Desafio Salutar: como a multiplicidade de línguas poderia consolidar a Europa”, afirma que “para todas as sociedades humanas, a diversidade linguística, cultural, étnica ou religiosa representa, ao mesmo tempo, vantagens e inconvenientes e tanto representa uma fonte de riquezas como uma fonte de tensões” (2007, p. 3). Mais adiante, o autor refere, ainda, que “a maior parte das nações europeias construiu-se com base nas suas línguas identitárias” (p. 5) e que “a Europa tem meios para construir a sua identidade com base na diversidade linguística dos seus membros” (p. 6). Ao longo de todo o texto, Maalouf põe uma ênfase assinalável no valor da língua como fundamento e veículo de uma identidade cultural dos povos.

Abdallah-Pretceille, numa perspectiva de comunicação intercultural, coloca a língua, para além de dimensão indispensável à comunicação com o Outro, como condição essencial à compreensão da sua cultura e, por conseguinte, da sua alteridade (2001, p. 52).

Assim, dominar a língua do outro não é, apenas, saber os vocábulos necessários para se estabelecer comunicação, é conhecer os valores sociais do nosso interlocutor, os significados culturais que enformam a língua como instrumento comunicativo, que tem momentos certos e contextos adequados, no que ao seu uso diz respeito (cf. Walczuk-Beltrão, 2007, p. 284).

É incontornável pensar que a língua está cada vez mais ligada aos espaços e momentos da vida de uma pessoa ou de uma sociedade, contribuindo a mesma, segundo Silva, para o reforço da identidade dos povos (s/d, p. 2209) pelo que a sua presença e a sua expansão pelo mundo contribui para a “valorização do modo de ser português e de todos os países que adoptaram o português como língua oficial (*ibidem*).

LITERATURA

LITERATURE

A ligação da língua com a interacção dos indivíduos com o meio social em que se movimentam é, igualmente, reconhecida por vários autores, sendo esta usada como representação de objectos, ideias, sentimentos, valores e como expressão de uma capacidade exclusiva do ser humano, o pensamento.

É, ainda, através da língua que se estabelecem as relações entre os indivíduos, quando trocam entre si os significados culturais de cada um, estabelecendo uma “comunicação intercultural” e contribuindo para uma melhor compreensão do outro e da sua forma de ser e estar. Com ela ultrapassam-se barreiras, permitindo reconhecer que, apesar de diferentes, na língua e na cultura, é possível a convivência, respeitando a identidade individual e cultural de cada um, que, segundo Habermas, são, também, constituídas, em parte, pela língua.

Por todas estas razões, ao falar de multiculturalismo, não é possível fazê-lo sem pensar, paralelamente, no estabelecimento de contacto entre pessoas de diferentes origens e culturas e, na maior parte das vezes, de diferentes línguas.

Se bem que, hoje, tenhamos que contar com uma mobilidade transnacional com características diferentes da que ocorreu até finais da década de 70, princípios de 80, do século xx, muitos dos problemas experimentados, quer pelos países com imigração, quer pelos emigrantes que abandonam os seus países de origem, mantêm-se de forma recorrente, o que faz com que se continue a falar de multiculturalismo e políticas a ele ligadas que, salvo raras exceções, não têm surtido um verdadeiro efeito de integração, dos que chegam, nas comunidades que os recebem. Por essa razão, a palavra multiculturalismo continua a fazer mais sentido do que a de interculturalismo, já que este é a meta final daquele e de todo o processo de relacionamento entre pessoas e entre estas e as culturas de origem e de chegada.

Entre os instrumentos que podem contribuir para concretização de uma verdadeira interculturalidade encontra-se a língua, instrumento essencial ao conhecimento, compreensão e aceitação do outro, na sua individualidade, carregando consigo uma identidade própria e uma bagagem cultural de que é impossível alhear-se, uma vez que, como nos diz Mateus, “a língua apresenta uma íntima ligação com a identidade cultural”, desempenhando um papel “*de afirmação*”, quando preserva uma diferença cultural e histórica”, que reforça a autonomia cultural e, ao mesmo

tempo, permite uma partilha de valores e significados que contribuem para um enriquecimento mútuo entre culturas em presença, estreitando relações.

LITERATURA E MULTICULTURALISMO

A literatura, seja de ficção, documental, técnica ou científica, “expressa dilemas, sentidos e muitas vezes a realidade do homem [...] transportando-o para o lugar do outro” (Ortiga, Kachiyama, Depiné & Moretto, 2010, p. 2118) e “leva o leitor à análise de realidades diversas, [...] pois trata de reflexos da história e da realidade social de determinadas comunidades, retratando a cultura, os costumes e a organização política e social de determinada região” (*ibidem*), isto porque, enquadrando-se numa época e numa realidade, esta é retratada pelo autor, de forma mais ou menos explícita, mas sempre com base no conhecimento do autor, já que, como nos diz Mata,¹ “um escritor só fala do sabe”.

É neste sentido e tendo ainda como referência Semprini (1999), que a literatura pode ser tomada como fonte de grande credibilidade, no que diz respeito à transmissão de um retrato social visto através dos olhos de quem escreve, tendo como mediador a linguagem, sendo esta, igualmente, instrumento “modelador e produtor de realidades” e lugar onde as relações sociais são negociadas, produzidas e reproduzidas (p. 67).

O texto literário constitui um verdadeiro repositório de cultura e “*referme souvent une représentation du monde*” e “*une vois d’accès à des codes sociaux, à des visions du monde*” (Serghini, s/d, p. 1). Além disso, pelo facto de o texto literário ser produto de um ou vários autores, permite, também, um contacto, um confronto por vezes, que nos conduz à compreensão do outro e das representações do mundo que retrata nos seus textos.

Abdallah-Pretceille (2010, p. 147) afirma mesmo que

Le texte littéraire, production de l’imaginaire par excellence, est un genre inépuisable pour la rencontre de l’Autre: rencontre par procuration certes, mais rencontre tout de même. La littérature permet d’étudier l’homme dans sa complexité et sa variabilité. Elle permet d’explorer une pluralité de personnages, de situations. Elle est à la fois actualisation mais aussi anticipation de visions du monde et du genre humain. En ce sens, elle est un point d’appui pour l’étude des représentations à

condition de ne pas rechercher une représentativité statistique et de tenter de saisir les faits et les situations à partir de leur profondeur à la fois subjective et universelle.

Não podendo ser tomada como uma descrição fiel da realidade, já que é sempre uma descrição pelos olhos de outrem, ou “por procuração” como nos diz Precteaille, é necessário algum cuidado na utilização dos textos literários e na sua interpretação, no discernir o que é real do que é parte do imaginário do autor.

Sendo o texto resultado de uma interpretação, torna-se necessário encará-lo em todas as suas vertentes, realismos, existencialismos, críticas, estereótipos, política, pontos de vista, o explícito e o implícito, etc. É, igualmente, importante, no campo da interpretação dos textos literários, ter em conta a capacidade de compreensão, o conhecimento, a experiência e a neutralidade de quem lê. Como estrutura aberta, polissémica e de representações, o texto exige que o leitor seja capaz de compreender e perceber as situações a fim de que se estabeleça uma verdadeira comunicação entre o autor e o leitor, ou melhor dizendo, entre o texto e o leitor, caso contrário poder-se-ão gerar erros de compreensão e apreensão da “verdade cultural”, ou da representação da realidade transmitida pela mensagem do texto.

Como nos diz, ainda, Precteaille, relativamente à leitura e interpretação dos textos literários, “uma aprendizagem da alteridade e da diversidade, só poderá fazer-se com base numa boa aprendizagem da leitura e da capacidade de interpretação, já que uma obra literária é um documento aberto tanto na escrita como na leitura”, e existe entre a produção e a recepção “uma nebulosa discursiva” (2010, p. 151), geradora de incertezas, que apenas será possível reduzir pela experiência e capacidade de leitura, por parte dos leitores, daquilo que em português chamamos de *ler nas entrelinhas*.

Esta capacidade de ler e interpretar, a que a autora se refere, diz respeito, quanto a nós, à leitura e compreensão dos contextos sociais, históricos, culturais e da própria linguagem nos seus diversos sentidos, não só explícitos, mas, também, implícitos, conotativos e denotativos.

Aqui reside, em nosso entender, a comunicação autêntica, o verdadeiro contacto entre o autor, a obra e o leitor. Se tomarmos o ato comunicativo como relação, troca de ideias, informações, pontos de vista e opiniões,

então a obra literária será um meio de comunicação que retrata a cultura, ou as culturas, através das personagens, das suas relações e dos contextos em que as mesmas ocorrem.

O ROMANCE COMO FONTE HISTÓRICO-CULTURAL

Como género que retrata relações pessoais enquadradas nos respectivos contextos sociais, culturais e políticos, o romance, principalmente o de cunho realista, “retrata todo o tipo de experiência humana” (Haiduke, 2011, p. 122).

“O homem, inserido em sua realidade física, social e cultural, eis o objecto que se modelou na ascensão do romance a partir do século xviii” (*ibidem*).

Povoado de experiências de vida através dos seus personagens e não vivendo fora da realidade quotidiana, embora retratada pela visão e palavras do autor, o romance, ressaltando pequenos anacronismos, gira sempre em volta de contextos e mentalidades que espelham cultural e socialmente um dado momento histórico de uma sociedade. Neste sentido, o romance só pode ser tomado como “meio de enriquecer e dar maior complexidade à análise histórica” (*ibidem*).

Para Abdallah-Pretceille, “*le roman est un excellent moyen de retrouver la diversité du quotidien, de vivre l’altérité à travers une fiction. C’est un prisme qui traduit la valeur exponentielle de la réalité*” (2010, p. 151).

No que respeita ao romance histórico, cuja característica fundamental é “a utilização de dados verídicos para a constituição dos ambientes” e cujo processo é apresentado num universo específico mas generalizante e com ambientes reconstruídos, desenvolvendo-se a sua acção num passado anterior ao do escritor e onde as personagens agem de acordo com a mentalidade do tempo retratado na obra, permitindo ao leitor contextualizar-se em cada momento histórico retratado.

Haiduke diz mesmo que “qualquer contacto com o passado se faz através de documentos que, por mais estatísticos, objectivos e funcionais que possam ser, sempre se dão através de enunciados, textos, formas discursivas. Os romances, como variações do uso da linguagem que privilegiam a narrativa, não podem ser desmerecidos tampouco desacreditados como genuínas e legítimas fontes históricas” (2011, p. 139).

LITERATURA

LITERATURE

RETRATOS DE MACAU EM *OS DORES*,
DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

Ao falar da escrita de Henrique de Senna Fernandes, é impossível não a ligar às suas origens, quer em termos geográficos quer em termos sociais e culturais.

Aos espaços, tão claramente retratados, junta-se um tempo onde os acontecimentos e as pessoas contemporâneas ou de épocas anteriores à do autor, nos fazem participar de um ambiente onde a diversidade étnica e o multiculturalismo são presença constante.

“Nas páginas dos seus livros, quer nos contos, quer nos dois romances, encontramos um retrato fiel de Macau de outrora, do tempo em que a ‘cidade cristã’ e o ‘bazar’ eram como mundos separados por vontade própria, em que a sociedade aparecia claramente estratificada e onde cada ‘figurante’ sabia o seu lugar. Mas é também uma cidade bela e harmoniosa, a Macau que sai das páginas e da escrita elegante de Henrique Senna Fernandes. Mau grado as regras sociais então vigentes, as adversidades, as diferenças de estatuto social, as más-línguas e as más vontades, Macau é sempre o locus amenus onde os problemas acabarão por se resolver, onde a verdade triunfa, onde o amor redime, onde as barreiras sociais, étnicas e culturais acabam por ser ultrapassadas, por cair.” (Espadinha, 2008)

Macau, desde sempre local de encontro de marinheiros, piratas, comerciantes locais e estrangeiros, e de pessoas que por circunstâncias várias se instalavam nestas terras do Oriente, aparece retratada nas narrativas de Senna Fernandes “por um conjunto de descrições laterais de grande valor histórico, porque fixam aspectos da cidade que ajudam a compor o ambiente social e político dos fins do século XIX, inícios do século XX, da Guerra do Pacífico, e dos anos imediatamente subsequentes.” (Oliveira, 2011, p. 859)

Para além de uma memória familiar e quase autobiográfica, alguns dos seus textos descrevem “espaços e ambientes da cidade que o tempo se encarregou de alterar ou apagar” (idem), podendo, por isso, ser considerados verdadeiros documentos históricos e “valiosos contributos para a reconstituição histórica da cidade” (ibidem).

Através das suas personagens, bem como das tramas que as suas vidas tecem, podemos dar-nos conta

das relações que pessoas de várias condições e origens estabelecem entre si, aquilo que as une ou separa, não só em termos físicos, mas em termos sociais, políticos, religiosos, culturais, etc. O próprio autor afirmava, em entrevista a Isabel Castro, publicada no suplemento de domingo do jornal *Tai Chung Pou* de 30 de Setembro de 2007, “Fisicamente as personagens existem, ou eram misturas de várias pessoas, depois deixa-se correr a imaginação. Certos factos eram retirados da vida de Macau daqueles tempos”.

No prefácio do livro que analisaremos a seguir, *Os Dores*, Miguel de Senna Fernandes, filho do autor, afirma que “Macau é a razão da sua escrita e a base da sua inspiração” (2012, p. 9) e, ainda, “Esteja onde estiver o personagem retratado, há-de ele reportar-se a Macau, mais cedo ou mais tarde” (p. 10).

Mas são as pessoas, principalmente a figura feminina, que povoam a obra de Senna Fernandes. O amor profundo, impossível, fiel, infiel, desfeito, os encontros e desencontros de vidas separadas pela condição social, étnica, religiosa, etc. são tratados de forma tão humanamente real que levam o leitor a sentir-se “irremediavelmente atraído para uma viagem no tempo e terá pena de lá sair, pelo fascínio de um mundo que deixou de existir, mas tão eloquentemente reavivado pelo autor” (ibidem).

OS DORES

O livro *Os Dores*, publicado em Setembro de 2012, aquando da comemoração do segundo aniversário do falecimento do autor, faz parte da reedição da obra completa de Henrique de Senna Fernandes, levada a cabo pelo Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau.

Trata-se de um romance que, como o próprio filho do autor, Miguel de Senna Fernandes, descreve, em entrevista a Hélder Beja, do jornal *Ponto Final*, é “um livro incompleto, assumidamente incompleto [...] É claro que o autor não queria isso, queria acabar a história, mas lança os dados e o leitor melhor deixará a sua imaginação funcionar e dar o desfecho que ache justo”.

Numa sinopse, ainda que incompleta, como reconhece, igualmente, na entrevista atrás citada, Miguel de Senna Fernandes descreve a história da seguinte forma:

“No fundo é a vida de uma órfã, e as glórias e inglórias neste mundo de Macau. Estamos no

início do século XX, antes da Guerra, quando a Leontina, a heroína, uma rapariga muito branquinha e loura, não me lembro se de origem russa, é abandonada em Macau e quem a apanha é uma família de pescadores chineses. Tratavam-na muito mal, porque para o conceito deles ela era uma rapariga feia. Depois é resgatada por uma família macaense que vai a Coloane pescar e caçar. É uma família acima da média, da burguesia de Macau, mas a sua presença também causa certos incómodos, principalmente entre o mulhério. Ela praticamente é corrida da casa, vai para o orfanato, e acompanhamos a história dela até se libertar disto e fazer a sua própria vida. É difícil fechar a sinopse porque não temos a segunda parte do livro.” (Fernandes, 2012)

É, pois, este romance, que nos transporta para a Macau do século XX, que é objecto da nossa análise, tendo-se privilegiado os aspectos que se prendem com marcas caracterizadoras da sociedade macaense, das suas disparidades, das relações fortuitas ou premeditadas entre “homens e mulheres cujas vidas se entrecruzam de milhentas formas, quantas vezes fora de quaisquer planos ou expectativas” (Fernandes, 2012, p. 10).

ESPAÇO FÍSICO E CONDIÇÃO SOCIAL

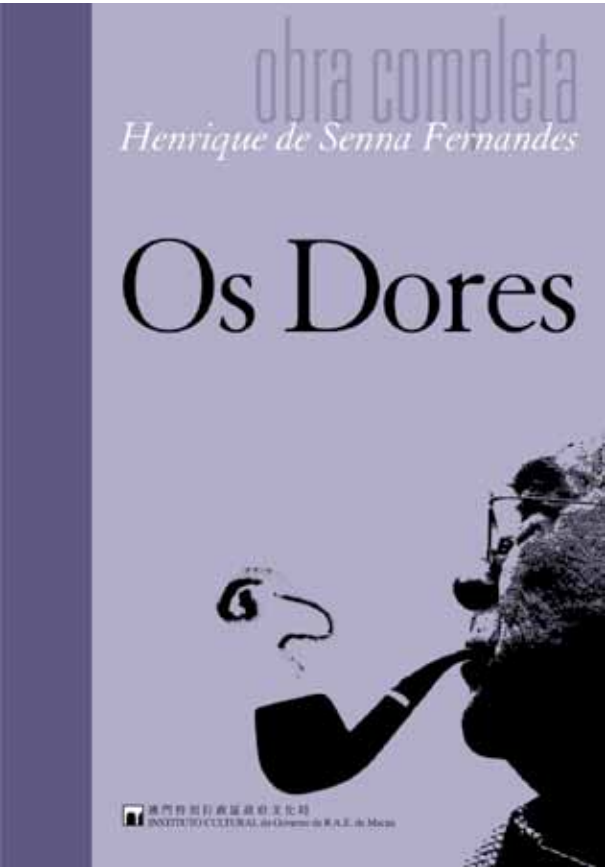
O espaço e a condição social estão vinculados, ao longo de todo o texto, e é bem visível na seguinte exclamação de espanto e quase incredibilidade: “Que mistério, aquele, o de uma garotita de traços caucásicos, no meio da petizada chinesa?” (p. 17) para, mais a seguir, afirmar: “Tirá-la daquele ambiente impunha-se” (p. 18). A descrição do lar dos Policarpos² e a comparação com outras zonas da cidade mostram, de novo, a íntima relação entre estatuto social e o local onde se mora, o tipo de casa e de decoração.

Assim, os Policarpo são uma família de classe média³ visto não pertencerem à “fina flor da Praia Grande e de S. Lourenço, da chamada Primeira Sociedade, nem tinha a abastança dos mamões de Santo António” (p. 27).

A descrição da casa dos Policarpo mostra que a habitação estava dividida em várias partes, cada uma das quais habitada por um determinado grupo social: a dependência das criadas chinesas, uma área onde dominavam as mulheres, constituída pelo “quarto grande das meninas, o quarto de costura (*boudoir* de

costura), a cozinha e o quintal, onde os homens da casa, excepto Marcolino, praticamente não penetravam” (p. 34), era o “‘gineceu’ das mulheres” (p. 35). Havia ainda o quarto de Floriano,” um largo aposento que apelidavam de biblioteca” (ibidem), o quarto dos hóspedes, a sala de jantar, a sala de estar, o gabinete do dono da casa, vestíbulo e corredores que são referidos como lugares de encontros ocasionais entre Leontina e Floriano. A entrada da casa tinha pelo menos um degrau de pedra granítica (“quando o ouviu pisar o degrau granítico da entrada”, p. 47), o quintal acanhado e deveria tratar-se de uma casa de rés-do-chão e primeiro andar “subindo para o primeiro andar e descendo para o rés-do-chão” (p. 45).

A condição social da Leontina, como um Outro que não se enquadra em nenhum dos grupos sociais, é reflectida no espaço que lhe é atribuído, nomeadamente, o quarto em casa dos Policarpos “uma espécie de limbo onde só ela se movimenta – diminuto quarto de arrecadação, paredes meias com a dependência das criadas que tinham reclamado por ser um estorvo [...]



LITERATURA

LITERATURE



uma estranha”; aquela que passou a ser a “crioula ou criação dos Policarpos” (p. 26) “dormia separada dos criados, numa divisória à parte” (p. 34).

O autor mostra-nos como as personagens conseguem romper para lá dos estereótipos e, no caso de Leontina, o quarto aparece como o seu refúgio e o lugar onde tem oportunidade de devorar livros e de viajar para fora do mundo limitado a que as Policarpo a tinham remetido, para dar aso à sua ânsia de aprender e conhecer a vida e o mundo, no entanto, trata-se de “um cubículo, onde cabia uma cama de ferro estreita e um armário diminuto” (p. 48), cujo tecto não conseguia impedir a água, em noites de chuvada, de se infiltrar e pingar molhando a cama. Este reduzido pedaço da casa que lhe era reservado tinha uma janela bastante larga, que dava acesso ao quintal, situada a um metro do chão e a situação fazia com que fosse bafejada pela brisa fresca do Verão e ficasse protegida dos ventos gelados de Inverno. Esta janela dava acesso a um mundo íntimo e secreto já que, muitas vezes, Leontina trepava o caramboleiro para espreitar Floriano no seu quarto. A janela mostra que, mesmo nos momentos de privação e de ostracismo, existem formas de sair da prisão, tal como acontece durante os dias de castigo, após a decisão de a expulsarem de casa.

A janela permite-lhe gozar da liberdade do quintal mesmo quando a criada lhe trazia a comida ao quarto e a acompanhava à casa de banho. O quintal sabemos que é pequeno, tem um caramboleiro, plantas e flores, um banco de madeira carcomida e está cercado por muros da vizinhança e da própria casa.

Há lugares que conferem prestígio social aos que neles conseguem pisar, tais como, o Palácio do Governo, o Clube de Macau e o Grémio Militar (actual Clube Militar. No Palácio do Governo tinham lugar as recepções e os bailes para os quais só eram convidados as pessoas importantes, pelo que, ser convidado para cruzar o umbral da entrada do Palácio “era o acume máximo de consideração para muito boa gente, no micro mundo de Macau. Era uma honra que satisfazia a vaidade, um privilégio.” (p. 29)

A própria localização das casas era sinal do estatuto social e, acima de tudo, económico que os residentes possuíam, situação que é, várias vezes mencionada pelo autor, nomeadamente na página 58,

a “calma” Rua de São Paulo, os “casarões assobradados dos abastados mamões de Sto. António”, ou ainda, “Filha de pais abastados, morava numa vivenda bonita da Flora que marcava o seu *status* na sociedade.” (p. 165)

MARCAS DE MULTICULTURALIDADE

O romance pouco se detém na Macau do tempo de Guerra, referida apenas como “um sossegado burgo provinciano sem dificuldades e problemas económicos de maior” (p. 73), mas traz-nos, de forma simples e clara, os pormenores das mudanças que se operaram no Macau pós-guerra. A Macau conservadora vai dando lugar a algumas ousadias de modernidade e, vagarosa e timidamente, absorve o que o cinema e “os ingleses que se hospedavam no Hotel Bela Vista e nadavam em baixo, na praia de S. Pedro ou do Bom Pastor” (p. 75) exibem perante os olhos curiosos de uns e incrédulos e reprovadores de outros.

A cidade muda, não só em termos de hábitos e comportamentos das pessoas, mas na sua própria configuração viária, de espaços e edifícios que ganhavam novas funções e novos atractivos de influência ocidental. Na página 76, o autor descreve essas alterações quando diz: “O costume tradicional aos Domingos era subir, depois dessa missa, a Rua Central para admirar e apreciar as ‘maravilhas’” importadas pelos mouros. Agora estes sofriam forte competição da Avenida Almeida Ribeiro, larga artéria ainda recentemente completada, orlada de graciosas arcadas coloniais [...] onde se concentravam as melhores lojas dos comerciantes chineses, sapatarias, ourivesarias, e casas de chá, artéria que, ligando em linha recta a Praia Grande com o Porto Interior, mas rasgando o histórico Bazar em duas partes, era, ao tempo, o orgulho de Macau.” Na Praia Grande residia a elite macaense e o sonho das meninas era casar com um menino desta zona.

Ao mesmo tempo, e porque a cidade se encontrava dividida em duas, o autor refere as diferenças que as separavam, referindo que estas transformações por influência das novas ideias do pós-guerra aconteciam apenas na “cidade cristã”, porque [a] “‘cidade chinesa’ permaneceu impermeável às inovações, nas suas prédicas, costumes e tradições, costas viradas ao quotidiano ocidental. As alterações do pós-guerra não a afectaram nas ideias, no estilo de vida, nos gostos, na indumentária, [...] ciosa dos seus padrões de existência, com os quais aparentemente a população se sentia feliz ou conformada.” (p. 76)

Porto Interior, ca. 1950. In Rogério Beltrão Coelho, *Álbum Macau 1844-1974*, 2.ª ed. (Macau: Fundação Oriente, 1990).

LITERATURA

LITERATURE

A mesma situação de conformismo e distanciamento do bulício e das transformações do progresso é descrita noutro momento, dando-nos a sensação de várias cidades dentro da mesma cidade, “o Porto Interior, o rio e o mar estavam muito alheios a todo esse reboleio, os ecos do escândalo diluídos, desconhecidos ou rejeitados por pessoas, cuja mentalidade e modo de vida nenhuma afinidade tinham com a ‘cidade cristã’.” (p. 187). Paredes meias com o centro da cidade, ligados, como foi referido anteriormente, pela avenida Almeida Ribeiro, esta zona da cidade ainda hoje continua, tal como outras zonas (Areia Preta, Ilha Verde, Coloane) a poderem ser dadas como exemplo da diversidade cultural que sempre marcou, com manifesta visibilidade, a cidade de Macau, continuando a fazer sentido a divisão entre “cidades cristãs” e “cidades chinesas” para usar a expressão do autor, mas, agora, no plural, dado o crescimento urbano que Macau vem registando.

Esta divisão em termos de estatuto económico e social era, igualmente, manifestada pela pouca convivência entre as duas principais “raças” que, ao longo de séculos, foram vivendo, muitas vezes lado a lado, evitando qualquer ligação entre ambas. Isto fica descrito, de forma clara, num episódio entre uma moça ocidental, Angélica Perene, e um chinês Wai Hong que, apaixonados, mas sem o consentimento dos pais decidiram fugir, “[f]ora um acto ousado, mesmo escandaloso para o pensamento da época [...] [a] família dele reagiu acerbamente, chocada que o filho primogénito da casa pudesse dar semelhante passo. Não respeitara as tradições, os antepassados, a pureza da linha dos Hón, onde nenhum membro se misturava com gente raçada ou estrangeira.” (p. 272)

Ainda numa descrição da personagem principal, Leontina das Dores, o autor refere que “fora aceita no meio, [chinês] mas sabia que não era do mesmo estrato, nem as outras a consideravam como tal. Seria sempre uma intrusa, pela cultura, formação, ideias, aspecto físico, alguém diferente que fora admitida, primeiro por pena e depois por interesse, uma vez comprovada a sua competência” [como costureira] (p. 284). Mais adiante e fazendo, novamente referência às relações pessoais, neste caso de amizade entre duas personagens de culturas diferentes, o autor descreve-as do seguinte modo: “uma amizade que não chegava, nascida por Leontina ser diferente, vinda dum mundo que desconhecia, apesar da coexistência lado a lado.” (p. 288)

Os lugares de Macau tinham, de acordo com as várias referências do autor ao longo da obra, diferentes estatutos que conferiam a quem neles morava ou frequentava, considerando cada lugar como um pequeno mundo como exprime no seguinte passo da narrativa: “Vivera sempre fechada, na Calçada de Sto. Agostinho, como no convento, e depois no ‘exílio’ envergonhado e voluntário na Travessa de Sancho Pança, pequeninos mundos de anonimato, em áreas restritas que não interessavam a ninguém.” (p. 291)

O FEMININO NA OBRA DE SENNA FERNANDES

Uma das pessoas que melhor conhece a obra de Senna Fernandes e que, quanto a nós, melhor o define é o seu filho Miguel de Senna Fernandes. Segundo ele,⁴ para além da descrição da Macau antiga, em toda a sua obra “ele explora muito bem é a mulher. A mulher é fundamental, é a razão de ser do homem. O modo como ele desenvolve o tema feminino é a parte de que mais gosto na obra dele”.

Também em *Os Dores*, Senna Fernandes retoma o feminino nas suas características mais marcantes, a beleza, a força, a audácia, o domínio sobre o masculino, invertendo, em nosso entender, o estereótipo do *sexo forte* e do *sexo fraco*, apresentando as mulheres como o pilar do lar e das famílias, e o verdadeiro motor da mudança de mentalidades da Macau do pós-guerra, entenda-se 2.ª guerra mundial e, ainda segundo o autor, apenas na “cidade cristã”, já que “a ‘cidade chinesa’ permaneceu impermeável”. (p. 76)

Paralelamente, há figuras femininas enaltecidas pela sua entrega, por amor verdadeiro, aos namorados, aos maridos e, até aos amantes, mulheres decididas a contrariar os desígnios familiares de procurar maridos ricos que lhes dessem estatutos económicos e sociais elevados, mesmo abdicando da felicidade. Contudo, e tal como afirma Miguel de Senna Fernandes, ainda na entrevista atrás referida, “A donzela do Henrique de Senna Fernandes sofre sempre, é do piorio. A Leontina sofre muito e o desfecho adivinha-se um bocado. O livro diz-nos que a beleza da mulher está principalmente na sua personalidade forte. Se o homem tem sucesso é porque tem uma viga ali atrás, que é a mulher”.

A figura feminina assume nesta obra, como em outras anteriores, um papel muito importante porque, por um lado, o cinema mostra mulheres “*vamps* [...]

fatais, espampanantes e ousadas, nos seus vestidos e penteados” e, por outro lado, algumas mulheres inglesas envergavam “belos figurinos”, fumavam em público (em contraste com as mulheres de Macau que, tal como Glafira, só fumavam às escondidas) “escandalizando o povo.” (p. 75)

Na Macau daquela época, segundo o autor, são as mulheres que assumem o momento de viragem (“o grito de Ipiranga”, p. 76) quando, depois de terem usado estratégias várias para convencer maridos e pais, “um bom número de senhoras da sociedade apresentaram, na missa chique das onze horas de Domingo, na Sé Catedral, vestidos, calçado e chapéus ‘modernos’, cabelos desbastados.

Este momento arranca do autor uma nota de grande simplicidade e de realismo quando exclama: “Esqueceram-se as orações, a homilia do padre, as atenções concentradas nos perfis que acentuavam outra nota à missa. Para longe arrenegados os resquícios da era vitoriana e mesmo da eduardina.” (p. 76)

O mundo feminino em *Os Dores* é marcado por várias personagens que se vão cruzando na vida de Leontina e que, cada uma à sua maneira, deixam marcas, umas positivas outras negativas, na personalidade e educação da protagonista. Todas elas revelam, de certa forma, qualidades que fazem o confronto entre a fragilidade e a força, e submissão e a libertação, o amor e a indiferença e, até, o ódio, a formação e riqueza interior em contraste com o vazio e a futilidade, os sentimentos de humanidade e os de abandono e desrespeito pela condição humana.

O relacionamento e intimidade entre homem e mulher é quase sempre apresentado de forma que o homem aparece com uma aparente superioridade mas submetido à vontade da mulher; Remígio é o sustento da casa, mas Glafira impõe sempre, de uma forma ou outra, as suas decisões; Sebastião Madruga tem uma posição social que o coloca entre a elite mas é submisso à mulher que gere as relações sociais e que ocupa um lugar de destaque entre a elite macaense; Lucas Perene um



LITERATURA

LITERATURE

eterno boémio mas que, mais do que uma vez, se deixou inebriar pelos atributos femininos que, por vezes, só ele via, como foi o caso de Evandolina, por cujos lábios se apaixonou, acabando por casar com ela e chegar ao ponto de, apesar de se ter revelado um marido dedicado, ela lhe infernizar a vida levando-o de novo à boémia. Posteriormente apaixona-se por Leontina e, apesar de, no início, resistir a abandonar o seu tipo de vida, aos poucos vai-se sentindo confortável em casa, ao lado de Leontina e do filho, e acaba por assumir a paternidade e tornar-se um companheiro dedicado e cumpridor dos seus deveres, chegando a entregar a Leontina todo o seu salário e outros ganhos extra para governo da casa e, até, a revelar o receio de que ela o abandone.

CONCLUSÃO

Não sendo possível a qualquer sociedade manter-se totalmente fechada e imune às influências do exterior, confrontamo-nos, constantemente, com situações de coexistência entre pessoas que transportam consigo marcas culturais que se encontram, confrontam e, muitas vezes, se afrontam pela disparidade, fruto de posições de desigualdade, de jogos de poder, de protecçãoismo, de subjugação, de reconhecimento ou de simples tolerância interesseira.

Várias têm sido as correntes teóricas, no domínio do multiculturalismo, que abordam, também de forma díspar, estes problemas, sem, contudo, termos encontrado uma verdadeiramente abrangente e coerente nos princípios e nas soluções.

Mais ou menos utópicas ou realistas, as diversas abordagens são hoje reconhecidas como incapazes de responder, de forma consensual, aos problemas gerados pelos contactos individuais, sociais e culturais e da “cidadania universal” em formação.

Macau, cidade de encontros, mudanças, coexistências e miscigenação poderá ser um exemplo a ter em conta em qualquer estudo sobre diversidade cultural em presença, onde mentalidades, interesses, valores e, sobretudo, as pessoas comuns definem o tipo de relacionamento que estabelecem entre si, num misto de aceitação, respeito, reconhecimento, indiferença e interdependência.

É isso que Henrique de Senna Fernandes nos deixa retratado, mais uma vez, neste, até agora, último título da sua vasta obra sobre Macau e as suas gentes. O dia a dia da cidade continua a ser feito de pessoas, cada vez mais individualistas, de espaços que se tocam sem partilha, de maiorias e minorias que, mais do que coexistirem, se toleram e quase ignoram, em nome de uma paz e tranquilidade que a todos beneficia. **RC**

Liceu Nacional Infante D. Henrique, ca. 1950. In Cecília Jorge e Beltrão Coelho, *Álbum Macau. Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).



NOTAS

- 1

Entrevista realizada por Débora Leite David em Lisboa 12 de Setembro de 2008 para a revista brasileira *Crioula* n.º 5 e publicada em Maio de 200).
- 2

Numa primeira referência ficamos a saber que os Policarpus viviam na Calçada do Tronco Velho (p. 21), no entanto, posteriormente, situa
- 3

a família Policarpo na Calçada de Santo Agostinho (pp. 27, 28, 33, 36, 37, 43, 46, etc.).
- 4

“Viviam bem e confortavelmente, com certa largueza, cozinha saborosa e trato hospitaleiro”(p. 27).
- Entrevista a Helder Beja, jornalista do *Ponto Final*, jornal de Macau em Língua Portuguesa de 7 de Outubro de 2012.

BIBLIOGRAFIA

Abdallah-Pretceille, M. (2010). “La littérature comme espace d’apprentissage de l’altérité et du divers”, *Synergies Brésil* n.º spécial 2, pp. 145-155.

—— & Porcher, L. (2001). *Éducation et communication interculturelle*. Paris: Presses Universitaires de France.

Beja, H. (2012). “Ele viveu a vida intensamente, fez tudo”, *Ponto Final*, Suplemento *Parágrafo*, 7/10.

Canen, A. (2007). “O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação”, *Comunicação e Política*, vol. 25, n.º 2, pp. 91-107.

Castro, I. (2007). “Os labirintos escondidos”. Disponível em: <http://taichungpou.blogspot.com/2007/09/henrique-de-senna-fernandes-os.html>. Acedido em 26/08/2013.

—— (2007). “O miúdo que escrevia romances de amor”, jornal *Tai Chung Pou*, 30/09.

Espadinha, M. A. (2008). “Elogio Académico do Dr. Henrique de Senna Fernandes”. Macau: Universidade de Macau.

Fernandes, Henrique de Senna (2012). *Os Dores*. Macau: Institututo Cultural do Governo da R.A.E.M.

Habermas, J. (1997). *Direito e democracia. Entre validade e facticidade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

—— (1987). *Théorie de l’agir communicationnel*. Paris: Fayard.

Haiduke, Paulo R. A. (2011). “*Du côté de chez Swann* de Marcel Proust: apontamentos para um estudo histórico da modernidade na virada dos séculos XIX/XX, *Revista Tempo, Espaço e Linguagem* (TEL), vol. 2 n.º 3, pp. 122-141.

Hall, S. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Harklau, L. & Zuengler, J. (2003). “Introduction to Special Issue: Popular Culture and Classroom Language Learning”, *Linguistics and Education*, vol.14, pp. 227-230.

Kymlicka, W. (1995). *Multicultural Citizenship: A Liberal Theory of Minority Rights*. New York: Oxford University Press.

—— (2012). *Multiculturalism: Success, Failure, and the Future*. Washington, DC: Migration Policy Institute.

Laraia, R. B. (2001). *Cultura: um conceito antropológico* (14.ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Mateus, Maria Helena M. (2008). “Difusão da Língua Portuguesa no Mundo”. FLUL/ILTEC. 1 de Setembro de 2008. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mes/01.pdf>. Acedido em 21/06/2013.

McLaren, P. (1997). *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez.

McLuhan & Fiore, Q. (1971). *Guerra e paz na aldeia global*. Tradução de Ivan Pedro de Martins. São Paulo: Ed. Record.

Nunes, Élton. (s/d). “Correntes multiculturalistas: uma contribuição para a teoria do currículo.” Disponível em: www.uninove.br/PublishingImages/Mestrados%20e%20Doutorados/edu/I%20seminario/MME%205.pdf. Consultado em 24/ 08/2013.

Oliveira, Celina Veiga de (2011). “O conto na obra de Henrique de Senna Fernandes”, *Administração. Revista de Administração Pública de Macau*, n.º 93, vol. XXIV, 2011, pp. 853-859.

Ortiga, R. A., Kachiyama, B. B., Depiné, Á. C. Moretto, G. (2010). “A literatura como expressão da realidade social: Contribuições à ciência jurídica”. XI Salão de Iniciação. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Pansini, F. & Nenevé, M. (2008). “Educação multicultural e formação docente”. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n.º 1, pp. 31-48.

Ribeiro, Rejane de A. (2009). “Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno”, *Scientia FAER*, ano 1, vol. 1.

Santos, Boaventura de Sousa (2003). Dilemas do nosso tempo: Globalização, multiculturalismo e conhecimento, *Currículo sem Fronteiras*. vol. 3, n.º 2, Jul/Dez, p. 5-23.

Semprini, A. (1999). *Multiculturalismo*. Bauru, São Paulo: EDUSC.

Serghini, J. (s/d). “Pour une approche interculturelle du texte littéraire à travers les textes des écrivains maghrébins et subsahariens de la nouvelle génération”. Université Mohammed Premier, Oujda. Disponível em <http://www.llcd.auf.org/IMG/pdf/SERGHINI.pdf>. Acedido em 23-06-2013.

Silva, Lino Moreira (s/d). “Imigração, multiculturalismo e ensino da língua portuguesa”. Universidade do Minho. Disponível em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/267.pdf>. Acedido em 13/01/2013.

Taylor, C. (1994). “The Politics of Recognition”. In A. Guttman (ed.), *Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, pp. 25-73.

Tylor, E. B. (1920). *Primitive Culture: Researches Into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom*, vol. 1 (6.ª ed.). Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/25176004/Primitive-Culture-Tylor-Edward-Burnett-vol-1>. Acedido em 1/0/2013.

Walczuk-Beltrão, Ana C. (2007). “Comunicação intercultural: novo caminho para as aulas de língua estrangeira”, *Itinerários*, vol. 6. Disponível em <http://www.google.pt/#q=Comunicacao+intercultural%3A+novo+caminho+para+As+aulas+de+l%C3%ADngua+estrangeira>. Acedido em 12/07/2013.